

- um mundo historicamente construído através de movimentos sociais; a historicidade nos permite evitar idealizações, tanto do mundo indígena como do mundo missionário, pois a integridade do evangelho não garante a integridade da ação histórica dos evangelizadores;

- um mundo onde as transformações não sejam gerenciadas por favores do Príncipe, mas pela participação democrática de todos os segmentos da sociedade, sobretudo das minorias, dos excluídos e dos historicamente não representados em nossas casas legislativas;

- um mundo plural de cosmovisões e ideologias que assumam a diversidade simétrica de projetos de vida compatíveis (solidariedade com os diferentes e reconhecimento da alteridade);

- um mundo onde a "biodiversidade", a alteridade reconhecida, represente uma arma de resistência contra a mimesis da globalização;

- um mundo que garanta a autonomia e o protagonismo dos povos contra todas as espécies de tutela, paternalismo, coletivismo obrigatório ou dirigismo autoritário; as CEBs não pensam *pelos* povos indígenas, mas pensam *nos* povos indígenas e *com* os povos indígenas;

- uma humanidade que – ao se responsabilizar pelo futuro das gerações – zele pelo Planeta Terra e onde as terras sejam confiadas àqueles que nela trabalham.

O Brasil com memória indígena não olha de Portugal para as "Índias Ocidentais", nem da Europa ou do mundo nordatlântico para América Latina, enquanto potência do mercado mundial. Não nos enxergamos com os olhos dos conquistadores. Não queremos fazer parte do Primeiro Mundo, mas de um mundo justo. O Brasil das CEBs, dos povos indígenas, dos pobres e dos excluídos está olhando para os confins do mundo, sonhando um mundo sem fronteiras, sem preconceitos e sem dominação. A violência contra os povos indígenas não tem a fatalidade de uma estrela cadente. Ela é historicamente construída e pode ser politicamente interrompida. Entre o silêncio e o grito, a esperança cresce e a luta continua.

Pe. Dr. Paulo Suess é coordenador do Departamento de Pós Graduação em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

## A IMPORTÂNCIA DO CAPÍTULO 19 DE SÃO MATEUS PARA A TEOLOGIA MORAL

*Altimira de Sampaio Pinto Saraiva*

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância do capítulo 19 do Evangelho de São Mateus para os estudos da Teologia Moral.

Num primeiro momento, situou-se o capítulo 19 dentro do evangelho de São Mateus verificando, de início, sua importância eclesiológica e, em seguida, as orientações morais que esse evangelho apresenta e que devem ser vividas por todos os cristãos que almejam a santificação.

A motivação para a escolha e estudo desse capítulo deveu-se à análise de duas obras de sua Santidade, o Papa João Paulo II. A primeira obra pesquisada foi o livro *Ele os criou homem e mulher*, da Editora Duas Cidades. Essa obra é uma compilação das reflexões proferidas pelo Papa durante as audiências gerais de setembro de 1979 a abril de 1980 as quais visaram preparar o sínodo dos bispos, cujo tema foi a "A Família cristã". A segunda obra é a *Encíclica Veritatis Splendor*, que embora sendo cristã, serve para todos os homens e mulheres do nosso tempo, pois, todos que buscam a verdade e a justiça estão "alinhados" com Cristo.

As duas obras têm, no capítulo 19 de Mateus, sua fundamentação bíblica para as orientações no campo da Teologia Moral. Elas permitem recolher os conteúdos essenciais da Revelação do AT e do NT sobre o agir moral.

Em sua reflexão moral, a Igreja sempre teve presente a Palavra de Cristo, que ao falar a seus discípulos, vai sempre às Escrituras como fonte viva e fecunda de sua doutrina moral. Ancorada também nos ensinamentos bíblicos, a Igreja ensina sobre as verdades morais e sobre o agir moral que, para ela, é agir agradável a Deus.

Esse trabalho ganha importância, à medida que nosso campo pastoral é o Movimento das Equipes de Nossa Senhora, que tem como carisma a santificação do casal e, consequentemente, da família. Assim sendo, tudo o que se refere ao comportamento moral dos homens e das mulheres é, para nós, de fundamental importância e interesse.

Também ganham relevância, para esse trabalho, as palavras proferidas pelo Santo Padre que reconhece o valor do Movimento das ENS, fazendo publicar no jornal *L'Osservatore*

*Romano* edição de 03 de janeiro de 1998, p. 09, quando o Santo Padre, unindo-se espiritualmente às celebrações do 50º aniversário da promulgação da Carta Constitutiva do Movimento das ENS, diz: “O caminho do vosso Movimento é uma escola de vida pessoal, conjugal e familiar. O sacramento do matrimônio, sinal da Aliança entre Deus e o seu povo, entre Cristo e sua Igreja é, ao mesmo tempo, um caminho de santidade, um serviço à vida e o lugar do testemunho essencial dos cônjuges”.

As palavras do papa reconhecem que o Movimento das ENS é uma escola de vida pessoal, conjugal e familiar. Assim sendo, tudo o que ensina, esclarece e faz melhorar a integração fé e vida das pessoas, dos casais e da família é de grande interesse para aqueles, que como nós, lutam pelo fortalecimento das relações conjugais e familiares.

## 1. CAPÍTULO 19 DE MATEUS

O texto escrito por Mateus tem intencionalidade religiosa e, portanto, a necessidade de esclarecer conteúdos teológicos. Ele escreve um livro sobre Jesus, sobre a vida de Jesus e sobre um conjunto de preceitos morais, sendo elementos de relevância, em sua obra, a Lei e o Juízo, a Igreja e a Missão.

Seu evangelho está organizado sob a forma de um tratado sobre o existir cristão. Nele, Jesus revela Deus entre nós, mostrando, também, que só se pode chegar a Deus conhecendo Jesus Cristo razão pela qual trata-se de uma obra teológica.

Pelo evangelho pode-se compreender, em Jesus, a mais profunda dimensão do homem. O evangelho de Mateus é “um espelho do mais claro rosto humano” diz Javier Pikaza em seu livro *A teologia de Mateus*. Daí a grande importância para a Teologia Moral e para todo o agir do ser humano.

Mateus escreve entre os judeus e para os judeus. Procura explicar na pessoa e na obra de Jesus Cristo o cumprimento das Escrituras. Mostra, também, como deve viver uma comunidade que aceita o Reino dos Céus.

Esse evangelho foi escrito entre os anos 80 e 100. Foi escrito após os anos 70 já que tem o evangelho de Marcos e a fonte Q como fundamento. Ele faz alusão à queda de Jerusalém, é citado por Inácio de Antioquia, pela Didaqué e pela primeira carta de São Pedro, fatos esses que comprovam a probabilidade da data.

Nesta época, as primeiras comunidades já estavam bem estruturadas; em sua organização já havia vários ministérios, e as grandes preocupações do evangelista eram as divisões internas da comunidade: o cristianismo convivendo com o judaísmo, o

pecado e a situação em que viviam os irmãos pequeninos. Para ele, a solução de todos esses conflitos se encontrava na Igreja.

Certamente, foi escrito em Antioquia da Síria. O que justifica tal afirmação é a marcante importância de Pedro no evangelho de Mateus. Segundo alguns historiadores, Pedro tinha forte influência em Antioquia da Síria e, além disso, Mateus é o único evangelista que fala das atividades de Jesus na Síria. Também porque o primeiro autor a citar o evangelho de Mateus como canônico foi Inácio de Antioquia.

Quanto ao estilo, o evangelho é composto por um prólogo, cinco discursos e cinco narrativas alternados entre si e um epílogo. Os discursos têm, como centro, as parábolas do Reino; já, as narrativas são mais históricas e estão baseadas na fonte Q e no evangelho de Marcos.

A partir dessa organização pode-se dizer que o evangelho de Mateus baseia-se em dois pilares de sustentação: em um, estão as narrativas que nos dão a Cristologia, pois todas as narrativas tem a pessoa de Cristo como centro; em outro, estão os discursos que nos dão a Eclesiologia, pois todos os discursos falam da Igreja e do Reino de Deus

Mateus fala de Israel e da Igreja. Para ele, Israel desprezou o Messias que foi acolhido pela Igreja. O Messias assume a história de Israel em

sua vida, por isso foi desprezado por Herodes, pelos fariseus e pelo povo de Israel; quem o acolhe são os Magos, são os pastores e a Igreja que, para Mateus, é o novo povo de Deus ou o verdadeiro Israel.

### 1.1 Estudo do capítulo 19 de São Mateus

Este capítulo faz parte das narrativas; é, portanto, cristológico, tem Jesus como personagem central e narra fatos e personagens que se relacionam com Jesus. É, também, um texto prescritivo, uma vez que estabelece normas de conduta para aqueles que o querem seguir. Em Mateus há uma tendência de se diminuir a narrativa para acentuar os ensinamentos ou preceitos. Daí a grande importância desse texto para a Teologia Moral.

Os ensinamentos são dirigidos, principalmente, aos discípulos que no capítulo 19 estão sempre presentes. Em Mateus, a palavra *Apóstolo* aparece uma vez; porém, o conceito de discípulos faz parte de sua teologia ao longo de todo seu evangelho.

Os discípulos são pessoas que, de alguma maneira, se uniram a Jesus de Nazaré, isto é, ao Jesus histórico. Para Mateus, “ser discípulo” significa o que é ser cristão; diz Monastério: “para ser discípulo é preciso que Jesus os conheça”.

Para Mateus, os discípulos precisavam permanecer fiéis e confiantes em Jesus ao longo da vida, diferente do

conceito que Marcos tem de discípulo. Para Marcos, os discípulos não entendiam nada e estavam adormecidos, tendo quase que uma imagem negativa deles. Ainda em Mateus, a Igreja surge na caminhada de Jesus para a morte. Essa caminhada tem início na Galiléia e termina em Jerusalém. Para ele, a Galiléia não é só um espaço físico-geográfico mas, também, é um espaço teológico, pois Jesus sai e volta para a Galiléia, e lá, aparece como um novo Moisés que introduz na doutrina elementos novos: o perdão e a misericórdia.

Jesus quer o cumprimento da Lei, não de uma lei exterior ao homem, mas da lei que sai do coração, por isso para cumprir a Lei e os Profetas Ele introduz o novo preceito, o princípio da misericórdia, trazendo para os discípulos e para toda a Igreja essa grande novidade do cristianismo que é o perdão e a misericórdia. Assim, com grande autoridade quer descobrir a vontade originária de Deus: *"Moisés por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar às vossas mulheres, mas desde o princípio não era assim"* (Mt 19, 8).

## 1.2 Partes do capítulo 19

O capítulo 19 está dividido em 6 partes e tem uma introdução que localiza, geograficamente, o texto na saída da Galiléia: *"Quando Jesus terminou essas palavras partiu da*

*Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão. Acompanharam-no grandes multidões e ali as curou"* (19, 1-2). Tem também três narrativas seguidas de prescrições, além de um epílogo que tem Pedro como personagem antagonista, o qual exige de Jesus uma orientação de cunho doutrinal. Nesse capítulo, Jesus se dirige diretamente aos discípulos, aproveitando-se dos fatos ocorridos para ensinar àqueles que pretendem segui-lo e que serão os responsáveis pela Missão.

*Primeira narrativa:* os fariseus se aproximam, querendo pô-lo à prova. Esse texto foi profundamente meditado pelo papa João Paulo II em seu livro *Ele os criou homem e mulher*. Segue-se à primeira narrativa a primeira prescrição dirigida em particular aos discípulos que dizem para Jesus: *"Se é assim a condição do homem em relação à mulher, não vale a pena casar-se"* (19, 10). Ao responder, Jesus acrescenta, explicando aos discípulos que nem todas as pessoas estão preparadas para o matrimônio, ou seja, *"são capazes"*, assim como nem todos estão preparados para o celibato, pois *"Nem todos são capazes de compreender essa palavra, mas só aqueles a quem é concedido"* (Mt 19, 11).

Quanto ao celibato, Jesus aponta três tipos de celibatários: os primeiros o são naturalmente *"desde o ventre materno"* (Mt 19, 12), os segundos *"o mundo os fez eunucos"* (Mt 19,

12) e por alguma razão se tornam celibatários, porém, os terceiros só *"se fazem eunucos por amor ao Reino de Deus"* (Mt 19, 12), isto é, recebem de Deus um chamado especial para cuidar da comunidade.

Nesse preceito há uma perfeita orientação de Jesus Cristo aos vocacionados, tanto aos que se casam, como aos que se fazem eunucos. De um lado, nem todas as pessoas têm capacidade para a vida conjugal, de outro lado estão os solteiros (homens e mulheres) que são apresentados por Jesus, quase que em uma escala ascendente, pois há aqueles que assim são por natureza, outros, por alguma razão independente de sua vontade *"foram feitos pelos homens"* e por fim, aqueles que pelo Reino se *"fazem eunucos"*.

Sente-se nas palavras de Jesus Cristo que tanto para o sacramento do matrimônio como para o sacramento da ordem, há necessidade de um chamamento especial, isto é, de se ter vocação. Há necessidade de se estar pronto, ter capacidade, o que quer dizer que recebe-se de Deus a graça própria do estado que capacita aqueles que são chamados e atendem à sua vocação. Finalmente, há necessidade da livre opção: *"se fizeram por causa do Reino"* (19, 12).

Para estabelecer o Reino, Jesus tem necessidade de colaboradores inteiramente livres de qualquer tipo de compromisso. Jesus ordena a estes, que *"vendam tudo"* e, vender tudo

significa a renúncia das preocupações com o dinheiro e com os bens materiais, a renúncia do convívio com a família para fazer tudo pelo Reino de Deus.

*Segunda narrativa:* Jesus Cristo afirma a força da graça que habita nas crianças, daí o grande pecado daqueles que impedem as crianças de conhecerem Jesus Cristo: *"não as impeçais"* (Mt 19,14). Nessa fortíssima advertência, a palavra de ordem de Jesus responsabiliza todo aquele que, por qualquer motivo, bloqueia a aproximação de uma criança a tudo que se refere a Deus: ensinamento, oração, conhecimento, bons exemplos e práticas religiosas a que as crianças têm direito pela lei natural.

Jesus enfrenta o mundo genocida, que prega o trabalho infantil e o aborto, que abandona crianças nas estradas e nas praças, que condena crianças a passar fome e pedir esmolas nas esquinas por causa da miséria e que ganha dinheiro à custa da exploração sexual de menores. Jesus Cristo condena todo tipo de morte na infância, vindo em defesa dos pequeninos. Essa defesa está na proclamação da Bem-aventurança que profere ao impor suas mãos sobre elas, dizendo: *"delas é o Reino dos Céus"* (Mt 19, 14).

*Terceira narrativa:* como a primeira narrativa, esse texto também foi profundamente meditado por João Paulo II, servindo como fundamento bíblico para a Encíclica *Veritatis*

*Splendor.* O texto que se segue ao episódio do jovem rico faz parte das prescrições morais de Jesus Cristo, que Mateus, nesse capítulo, coloca abaixo de cada narrativa.

Jesus Cristo fala da dificuldade que a pessoa tem em se desprender dos bens materiais. Há, na verdade, necessidade de um total desprendimento para se entrar no Reino dos Céus. Diante de tal dificuldade, os discípulos argumentam, ficando “*espantados*” porque para eles também é difícil o desprendimento. Jesus os conforta, afirmando o poder e a graça de Deus: “*Aos homens isso é impossível, mas a Deus tudo é possível*” (Mt 19, 26). Embora fracos, os discípulos e seus sucessores, pela força do Espírito Santo, levam e sustentam, com muita determinação, a Igreja e a Missão até os nossos dias.

*Epílogo:* a figura de Pedro aparece com grande importância no evangelho de Mateus. Ele é o porta-voz do grupo; é, também, o protótipo dos discípulos. Pedro quer receber de Jesus normas práticas de comportamento; para ele, assim como para todo o cristão, a resposta de Jesus vem de encontro aos anseios em saber como o cristão deve agir, o que deve esperar e o que vai receber.

Em nome da comunidade, Pedro recebe de Jesus prescrições ou normas aplicáveis à qualquer situação de vida. Aprende, neste capítulo 19 do evangelho de Mateus, como viver a

vocação para o matrimônio ou para o celibato, como tratar as crianças, como lidar com as riquezas deste mundo e também aprende de Jesus Cristo como são grandes o poder e a graça de Deus.

Ao longo do Capítulo 19 de Mateus vão sendo afirmadas por Jesus várias normas práticas do agir comportamental cristão comprovando, desta forma, tratar-se de um texto narrativo prescritivo, sendo pois de grande relevância para a Teologia Moral.

## 2. “HOMEM E MULHER ELE OS CRIOU” (GN 1, 27)

Fundamentados na obra de João Paulo II, desenvolvemos uma exegese da primeira narrativa do capítulo 19 de Mateus feita sobre as relações existentes entre homem e mulher, que, a nosso ver, é a essência da conjugalidade presente no Sacramento do Matrimônio.

O termo conjugalidade, amplamente estudado pelas ENS, tem uma de suas raízes na palavra celta “*jugo*” que em português significa: canga. Canga é a peça de madeira que une uma junta de bois para o trabalho. Para que a parelha de bois possa caminhar junto e para que seu trabalho seja frutuoso é preciso haver colaboração, harmonia e equilíbrio entre os bois; assim, o esforço de um não sobrecarrega nem atrapalha o esforço do outro. Assim também, no casamento marido e mulher devem cami-

nhar juntos com harmonia, colaboração e equilíbrio a fim de carregar tudo que a vida prepara para os dois, ao longo da caminhada. A conjugalidade, vivida no Sacramento do Matrimônio, se espelha na Santíssima Trindade, onde o relacionamento da comunidade divina é de amor, igualdade, comunhão, participação e gratuidade.

O Papa João Paulo II tem como ponto de partida a passagem da primeira narrativa em que Jesus Cristo é interpelado pelos fariseus quanto à indissolubilidade do matrimônio: “*Alguns fariseus, para O experimentarem, aproximaram-se d’Ele e disseram-lhe: ‘É permitido a um homem repudiar sua mulher por algum motivo?’ Ele respondeu: ‘Não lestes que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher?’ e disse: ‘Por isso, o homem deixará o pai e a mãe, e unirá-se à sua mulher, e serão os dois uma só carne. Portanto, já não são dois, mas uma só carne. Pois bem, o que Deus uniu, não o separe o homem’. ‘Por que, perguntaram eles, Moisés preceituou dar-lhe carta de divórcio ao repudiá-la?’ Respondeu Jesus: ‘Por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu que repudiásseis as vossas mulheres, mas no princípio não era assim’.*”

A exegese deste encontro entre Jesus e os fariseus leva o Santo Padre a nos mostrar que Jesus é o grande revelador do Pai e fonte de toda a doutrina sobre o matrimônio cristão,

alicerçada nas Sagradas Escrituras. Para isso, toma como centro de sua reflexão a palavra “*princípio*” que aparece no texto duas vezes, servindo como início e fim do diálogo com os fariseus.

A palavra “*princípio*” tem sua fonte exegética em duas narrativas: A primeira narrativa está em Gen 1, 27 e está inserida no ciclo dos sete dias da criação: “*Deus criou o homem a sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou*”. Nesse versículo, há uma definição objetiva do homem. Remetendo-se a esse texto, Jesus argumenta “*não lestes que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher?*”. A segunda narrativa está em Gen 2, 24: “*Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe, se une a sua mulher, e eles se tornam uma só carne*”. Esse versículo tem natureza subjetiva e psicológica.

A primeira narrativa é uma narrativa *eloísta*, bastante objetiva e amadurecida. O conteúdo teológico tem bases metafísicas, pois a narrativa *eloísta* dá à criação do homem um caráter cosmológico. Sendo criado com o mundo visível, nessa narrativa, o homem domina a natureza, está acima do mundo e não é semelhante às outras criaturas. Homem e mulher são criados à imagem e semelhança de Deus.

A segunda narrativa é uma narrativa *javista*, de natureza subjetiva e psicológica e está ligada à inocência

e felicidade original bem como à primeira queda do casal no jardim do Éden. É a base da teologia do corpo que mostra o homem no momento da criação da mulher. Ambos têm a mesma raiz etimológica: macho=*ish*; fêmea, mulher=*ishah*. O que prova a sua igualdade diante do Criador.

Cristo, ao se referir duas vezes à palavra princípio, mostra a primeira herança de cada ser humano no mundo e também a primeira fonte da certeza da vocação do homem como pessoa criada à imagem e à semelhança do próprio Deus. Cristo revela aos fariseus a visão integral do homem, construída desde o princípio da criação.

Dessa forma, o livro do Gênesis constitui o princípio da teologia do corpo. Corpo presente tanto no mistério da Encarnação quanto no da Redenção e fonte definitiva da sacramentalidade do matrimônio.

Os que procuram a realização da vocação cristã, no sacramento do matrimônio, são chamados a fazer da teologia do corpo a essência da própria vida e do próprio comportamento. Assim, os cônjuges devem ter plena consciência do significado do corpo: significado esponsal e significado gerador. A sabedoria da conjugalidade na vida dos casais está em encontrar a dimensão plena do sacramento do matrimônio, na convivência, no comportamento e nos sentimentos do casal.

As duas narrativas, citadas pelo Papa João Paulo II, são a base da teologia do homem, assim como da teologia do corpo, sendo a primeira, ética e a segunda antropológica e teológica. Ambas, fazendo parte da Teologia Moral, chegam a três idéias básicas fundamentais e raízes de toda experiência humana: solidão original; original unidade do homem e nudez original. Essas três idéias básicas fazem parte da Lei Natural, que é eterna e imutável e que é promulgada pela própria natureza, e da lei Divina, uma vez que faz parte, e que está nas Escrituras

### 2.1 Solidão original

Em "*Não é bom que o homem fique só*" (Gn 2, 18), a solidão está ligada à própria raiz do ser humano e tem um duplo significado: deriva da própria humanidade do ser, como também deriva da relação macho e fêmea [*ish-ishah*].

Logo no início, o homem passou por um teste proposto por Deus. Tal teste consistia em dar nomes a todos os animais. Ao nomear, o homem tomou consciência do próprio corpo, pois é um corpo diferente entre os demais corpos. Nessa diferenciação, percebeu sua superioridade no mundo dos seres criados.

A solidão inicial significa a subjetividade do ser humano que, através do auto-conhecimento, percebe que está só porque é diferente. Assim, se

identifica como pessoa. Graças a essa tomada de consciência, o homem sente necessidade de uma companheira que seja igual a ele. Não é só a solidão do homem macho que precisa de fêmea, mas é a solidão do homem pessoa (macho e fêmea) que precisa de companheira, de companhia, de comunidade, daí a necessidade de uma auxiliar adequada com quem possa dividir sua vida.

É também no estado de solidão original que são feitas as duas primeiras Alianças entre o ser criado e o seu Criador. A primeira Aliança é feita quando Deus cria o homem à sua imagem e à sua semelhança. A segunda Aliança é feita quando o homem é capaz de escolher entre o bem e o mal.

A segunda Aliança (Gn 2, 17) tem duas alternativas: de um lado, a morte; de outro, a imortalidade. O homem é livre para, com a ajuda de Deus, traçar seu destino escatológico. A possibilidade de escolha entre morte ou imortalidade, desde o princípio, dá significado à teologia do corpo. A segunda escolha está na raiz do ser humano que pode optar livremente em aceitar, ou rejeitar o projeto de seu Criador, ou seja, escolher entre o bem e o mal.

### 2.2 Original unidade do homem

A solidão original leva o homem a duas descobertas fundamentais para a teologia moral: a descoberta da

transcendência da própria pessoa e a descoberta da relação com a outra pessoa. O homem descobre a abertura para a possibilidade de comunhão com as pessoas. Parte da relação consigo mesmo - consciência do eu - para a relação com a pessoa - consciência do outro. Só então, parte para a relação com a sociedade - consciência do mundo que o cerca.

O mistério da criação faz brotar no ser humano uma unidade entre o que, por intervenção do corpo, é feminino e o que, por intervenção do corpo, é masculino. Sobre o corpo do homem e da mulher, desde o princípio, desceu a bênção da fecundidade "*Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a*" (Gn 1, 28). No princípio, a feminilidade encontra a si mesma quando diante da masculinidade. Por sua vez, a masculinidade se confirma através da feminilidade.

A plenitude e a profundidade da unidade conjugal está escrita em Gn 2, 24: "*Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne*". Da solidão original o homem parte para a unidade original. Originariamente, essa união deriva de uma escolha, sabendo-se que, por natureza, ele pertence a pai e mãe, porém por escolha, unem-se marido e mulher e em cada união conjugal se renova o mistério da criação. No matrimônio, o sexo exprime a superação do limite da solidão para a plenitude da unidade conjugal.

### 2.3 Nudez original

"Ora todos os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam" (Gn 2, 25). A essência da experiência humana aparece no texto javista. Estavam nus, mas não sentiam vergonha. A nudez original é o primeiro esboço de antropologia sendo o elemento básico da teologia do corpo. A vergonha é uma experiência não só original como também de "confim", é uma experiência limiar. Seu aparecimento está relacionado com a perda da plenitude original, daí a experiência de pudor ser uma experiência também de confim.

A plenitude da percepção exterior expressa pela nudez física corresponde à percepção interior como plenitude da visão do homem em Deus. O homem encontra-se nu diante de si mesmo, antes mesmo de o reconhecerem. Os sexos, o masculino e o feminino são sinais da doação criadora e são, também, uma tomada de consciência de si mesmo e do outro por parte do ser humano. Desta forma, a nudez original é recíproca. Tal nudez não está sujeita à vergonha, mas exprime a liberdade interior do homem. Essa liberdade é dom de Deus e é, também, autodomínio. Faz parte da lei natural. As crianças e os índios, em sua pureza tão natural também não sentem vergonha de seus corpos nus. Assim, os casais pela conjugalidade, têm presente o signifi-

cado esponsal do corpo que é a capacidade de exprimir amor através do uso do próprio corpo. Já não bastam mais palavras é o próprio corpo que fala. Desta forma, a revelação e a descoberta do significado esponsal do corpo explicam a descoberta da felicidade original.

A consciência do significado esponsal é o elemento fundamental da existência humana no mundo, a felicidade original prova que no "princípio" o ser humano surgiu do amor de Deus e deu início ao amor humano.

A plenitude do mistério da criação contém o mistério da inocência original. Na inocência, o homem e a mulher trazem as suas origens. O texto do Gênesis é o único em que a nudez não é acompanhada pela vergonha. Tal inocência original pertence à dimensão da graça que está presente no mistério da criação. Inocência original é característica essencial da teologia do corpo.

A consciência beatificante do significado do corpo, que é o significado esponsal da masculinidade e da feminilidade, está condicionada pela inocência original, pois a vontade humana é, originariamente, inocente.

A doação cria a comunhão entre as pessoas. Tal comunhão consiste em aceitar as pessoas como elas são. A aceitação só pode ocorrer graças à inocência interior. Homem e mulher tornam-se donos um do outro tanto pela aceitação e acolhimento recípro-

co de seus corpos nus como também pela inocência de seus corações que os levam à participação moral no eterno e no permanente ato amoroso da vontade divina.

### 3. CARTA ENCÍCLICA VERITATIS SPLENDOR

Na *Carta Encíclica Veritatis Splendor*, o Santo Padre, mais uma vez, desenvolve uma exegese do capítulo 19. Nessa encíclica, ele analisa o episódio do moço rico: "Aí alguém se aproximou dele e disse: "Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?" Respondeu: "Por que me perguntas sobre o que é bom? O Bom é um só mas se queres entrar para a Vida, guarda os mandamentos" Aquele perguntou-lhe: "Quais?" Jesus respondeu: Estes: "Não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra pai e mãe e Amarás o teu próximo como a ti mesmo" Disse-lhe então o moço: "Tudo isso tenho guardado. Que me falta ainda?" Jesus lhe respondeu: "Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois vem e segue-me" O moço ouvindo essas palavras, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitas propriedades" (Mt 19, 16-22).

O objetivo da Encíclica é reafirmar a relação entre fé e moral que muitas vezes é posta em questão,

mesmo dentro da própria Igreja, limitando-se a aprofundar pontos fundamentais do ensinamento da moral da Igreja. É necessário que se mostre uma problemática que não é só da Igreja, mas do mundo todo: a defesa da vida.

A questão levantada pela encíclica é a questão da sobrevivência, que é o princípio básico da conservação da espécie. Ou esse princípio vale para todos, ou o homem não sobrevive. A encíclica diz que a solução dos problemas está em Jesus Cristo, é uma encíclica cristocêntrica, ela assume como ponto de partida a resposta de Jesus Cristo ao moço rico, sendo o critério moral último o Reino de Deus e o seguimento de Jesus Cristo.

Afirma a *Veritatis Splendor* que os homens são chamados à salvação pela fé em Jesus Cristo, que é luz verdadeira que a todos ilumina. A salvação se realiza em Jesus Cristo e pela obediência ao chamado que Ele faz. A obediência, no entanto, não é fácil, o pecado de origem faz com que o ser humano seja constantemente tentado a desviar-se de Deus e se dirigir aos ídolos. Essa tendência idólatra acompanha o ser humano desde os tempos mais remotos. Os bezerros de ouro acompanham a humanidade e se adaptam a cada época, chegando atualmente ao mundo moderno.

Atualmente, o relativismo e o cepticismo levam o homem à ilusão de liberdade que o desvia da verda-

deira liberdade, que é o seguimento de Jesus Cristo. Mesmo envolto nessas ilusões, o homem sempre busca o sentido da vida; ele quer soluções para as questões religiosas que se encontram no íntimo do seu sentimento e na sua consciência moral. Para cada interrogação e cada questão moral, Jesus Cristo é quem dá a resposta decisiva. É Ele que manifesta o homem ao próprio homem e que o faz descobrir o sentido sublime de sua vocação.

Em sua visão escatológica, a Igreja, depositária da verdade de Jesus Cristo, oferece a todos os seus fiéis, em todos os tempos, e a cada geração, o sentido da vida presente, a esperança na vida futura e a relação existente entre as duas. A Igreja e seus Pastores, unidos ao papa, guiam os cristãos e também todos os homens de boa vontade, para que encontrem sempre novas expressões de amor e de misericórdia. Sabe-se que a máxima expressão de amor e misericórdia, dos últimos tempos, dentro da Igreja, é o Vaticano II, que se põe a serviço de cada homem e de todos os homens do mundo.

Diz o Concílio que a salvação é para todos os homens, mesmo para aqueles que não têm a ventura de conhecer o evangelho. *A Igreja sabe que é sobre o caminho da vida moral que se abre para todos a salvação* (LG 16).

### 3.1 "Mestre, o que devo fazer para ser bom?" (Mt 19, 16).

A pergunta que o jovem rico faz a Jesus é uma pergunta religiosa, porque interrogar-se sobre o Bem é, em essência, dirigir-se a Deus. Só Deus pode responder sobre o que é Bem, pois Ele é o próprio Bem, diz o Papa João Paulo II, na *Veritatis Splendor*. Assim como aquele jovem israelita piedoso, é necessário que o homem moderno se volte para Jesus Cristo a fim de receber dele a resposta sobre o que é bem e sobre o que é mal.

Para mergulhar na essência da moral evangélica é preciso refletir sobre a pergunta do jovem, e sobre a resposta dada por Jesus a ele. A resposta de Jesus, diz o papa, quase que toma o jovem pela mão e o leva passo a passo na direção da "verdade plena". Jesus, ao enumerar os mandamentos negativos, mostra que esses mandamentos exprimem, com muita força, as exigências básicas da lei natural, infundida por Deus em nós. Graças à lei natural expressa nos mandamentos, fica-se sabendo o que se deve fazer e o que se deve evitar. Dessa forma, a vida moral se apresenta como resposta à iniciativa gratuita de Deus em favor do ser humano.

Jesus, ao responder ao jovem, usa o pronome demonstrativo *este*. Com isso, Ele está determinando qual o caminho que se deve percorrer para alcançar a Vida: "entrar para a Vida

(Mt 19, 17). Os mandamentos mostram a exigência de proteger a vida humana (não matarás), a exigência da comunhão e da fidelidade das pessoas no matrimônio (não cometerás adultério), a exigência do dever de proteger a propriedade privada (não roubarás), assim como a exigência de valorizar a veracidade e de se respeitar a boa fama (não levantarás falso testemunho).

Além dos mandamentos, Jesus nos propõe as Bem-aventuranças que são promessas geradoras de indicações normativas para a vida moral. As Bem-aventuranças são o auto-retrato do próprio Cristo.

### 3.2 "Se queres ser perfeito" (Mt 19, 21)

Jesus ao dizer "perfeitos" não quer criar uma categoria de cristãos superiores aos outros. Ele quer dizer que para alguns haverá uma missão especial a que se impõe uma renúncia da vida de família e de bens materiais. Embora mais difícil de se seguir, o chamado à perfeição é feito a pessoas comuns, onde todos são igualmente chamados a serem perfeitos "*como o Pai é perfeito*".

Jesus propõe ao moço duas condições: a primeira é a condição para alcançar a vida eterna e a segunda, para alcançar a perfeição. Ambas dependem da vontade livre do homem. Na primeira, a condição é o cumprimento dos mandamentos; na segun-

da, a condição implica no desprendimento de todos os bens materiais. A essa proposta, diz o evangelista: "*o moço saiu pesaroso, pois era possuidor de muitas propriedades*" (Mt 19, 22). Ao jovem rico faltou a sensibilidade para além das normas.

### 3.3 "Depois, Vem e segue-me" (Mt 19, 21)

Quando Jesus propõe condições, ele apela para a liberdade de que todo ser humano é dotado, mas quando Ele chama para seu seguimento, está se referindo ao dom divino da graça. O primeiro passo de liberdade para aceitar a proposta (entrar para a Vida) depende apenas das forças humanas, já para o segundo passo (ser perfeito), os homens são incapazes de dá-lo sem a graça divina, sem o dom de Deus.

O "*vem e segue-me*" é dirigido a todos os homens. Para uns, esse chamamento é um peso, como restrição à própria liberdade; foi isso que ocorreu com o moço rico do evangelho, uma vez que ele se afastou pesaroso, mas quem "*caminha segundo o Espírito*" (Gl 5, 16), encontra nesse chamamento o caminho fundamental para poder servir ao próximo. *Vem e segue-me* é o fundamento essencial da moral cristã, daí a necessidade de se esclarecer noções fundamentais da liberdade humana e da lei moral. Para isso, é preciso valorizar os elementos

positivos da teologia moral, sem contudo, prejudicar o patrimônio moral da Igreja.

Várias são as correntes de pensamento que contradizem o pensamento da Igreja, impedindo o seguimento de Jesus Cristo, uma vez que temem uma intimidade maior entre a atividade humana e a religião, por isso o Vaticano II sublinha o valor da atividade da razão humana, dizendo: “*as coisas criadas e as mesmas sociedades gozam de leis e valores próprios, a serem conhecidos usados e ordenados gradativamente pelo homem*” (GS 36). O medo dessa intimidade termina quando se volta ao AT e se percebe que o Deus de nossos pais caminha no meio do povo, mostrando o que o homem é, o que ele deve fazer e como ele deve agir: “*Estarei no meio de vós, serei vosso Deus e vós sereis o meu povo*” (Lv 26, 12).

### 3.4 “*Não vos conformeis com a mentalidade deste mundo*” (Rm 12, 2)

O papa deseja, com essa encíclica, “*enunciar os princípios necessários para o discernimento daquilo que é contrário à sã doutrina*” (VS 30). A encíclica mostra que a exegese do episódio do jovem rico permitiu “*recolher os conteúdos essenciais da revelação do AT e do NT sobre o agir moral*” (VS 28).

Esses conteúdos apontam para a subordinação do homem, e de seu agir, a Deus, pois somente Deus é Bom. Mostram, também, a relação existente entre os atos humanos e a vida eterna; mostram, ainda, o valor do seguimento de Jesus Cristo e reafirmam que todo fundamento da teologia moral tem sua base no dom do Espírito Santo que é fonte e auxílio de toda vida moral. A essência da verdade sobre o Bem e o Mal está na pergunta feita por Jesus ao jovem rico: “*Mestre que farei de bom para ter a vida eterna?*” (Mt 19, 16).

A Teologia Moral é a ciência que acolhe e interroga a Revelação divina e responde às exigências da razão humana. A Teologia Moral é uma reflexão que se refere à moralidade, ao bem e ao mal dos atos humanos e da pessoa que os realiza. Ela reconhece os obstáculos que as doutrinas, explicitamente atérias, propõem. Essas doutrinas existentes no mundo atual, atribuem à consciência do indivíduo as prerrogativas do juízo moral; pelo subjetivismo, geram crise em torno da verdade; pela ética individualista, levam à negação da natureza humana e, como resultado, cada um faz o que a consciência manda sem ter em conta o outro, o próximo.

Como decorrência da contradição entre essas duas leis ou princípios, coloca-se a lei moral em oposição à consciência, e a lei natural em oposição à liberdade. As ciências huma-

nas, ao difundir de forma exagerada os condicionamentos de ordem psicológica, impedem o exercício da liberdade humana.

A teologia mostra que Cristo explica a dependência fundamental da liberdade à verdade: “*e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*” (Jo 8, 32). Jesus é a Verdade, e Ele se faz presente as realidades anunciadas pela Lei. Jesus é a realidade plena do dom do Pai e do seu desejo salvífico, por isso ele proclama, cheio do Espírito Santo, as palavras que recebe do Pai, que o enviou. Desse modo, pode-se afirmar que a Teologia Moral está alicerçada na Trindade Santíssima.

Deus deu liberdade ao homem mas não deu poder de decidir sobre o bem e o mal, essa decisão é atributo somente do Criador. O homem, no Paraíso Terrestre, gozava de uma liberdade limitada, podia comer de todas as frutas, menos dos frutos de uma árvore, e essa árvore representa o seu limite: “*mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comereis*” (Gn 2, 17). Por isso o homem deve aceitar a lei moral dada por Deus.

A Teologia Moral e o Vaticano II propõem uma profunda reflexão sobre a realidade da Revelação divina para o maior conhecimento das verdades morais. A plena realização da liberdade humana está em aceitar e crer nas palavras ditas por Jesus Cristo

no capítulo 19 de Mateus: “*O Bom é um só*”. Ele é o único que conhece o que é bom para o homem, é por isso que Jesus, sabendo do que é bom, aponta os mandamentos como caminhos para se chegar ao bem e à verdade.

### 3.5 “*Cristo nos libertou para que permaneçamos livres*” (Gl 5, 1)

O terceiro capítulo da *Veritatis Splendor* enfrenta a desorientação moral existente no campo ético, nos dias de hoje. Há uma mentalidade muito difusa que considera os princípios como impedimentos à liberdade do homem: cada qual deve agir segundo a sua consciência, cada um cuida de si mesmo, criando um mundo cada vez mais individualista.

Há uma crise de subjetividade, muito abrangente e profunda que atinge, de maneira geral, os militantes cristãos. Não é uma crise passageira ou superficial, é uma crise geral que veio para ficar. Atinge a personalidade mais integrada porque provoca um deslumbramento diante de toda nova descoberta. É uma crise de subjetividade que impede o equilíbrio entre as exigências pessoais e o engajamento social.

O homem pós-moderno deixa de se descobrir no mundo, para se descobrir a si mesmo pelos caminhos da introspecção. Há uma tendência de encerrar a ética no campo do individual.



Existem chavões tanto na sociedade como na mídia, que traduzem perfeitamente essa maneira de pensar ou de viver: “eu sou mais eu”, “quem gosta de mim sou eu”, “sou dono do meu próprio corpo”, “tenho direito de ser feliz”

Há uma tendência de autonomia total diante de qualquer situação. É o homem que decide, numa falsa noção de democracia, fazendo e desfazendo leis, segundo as necessidades do mercado, do proveito de grupos ou do proveito próprio. O bem-comum só surge quando dá lucro ou prestígio político para as minorias dominantes. A sociedade atual está toda voltada para o prazer, nela o ser perdeu o valor para o ter, assim aquele que tem vale muito mais do que aquele que é. É a sociedade do descartável, na qual só tem valor o que produz e o que consome.

A encíclica diz que os fins são bons ou maus, é o homem que tira do mal o mal e do bem o bem. Esse pensamento choca de frente com teorias, hoje tão comuns, que dizem que os fins justificam os meios ou que há um mal maior ou um mal menor.

A encíclica se volta para uma Antropologia em que o homem é considerado como criatura que teve uma origem e que está concretamente inserido nela. Se o ser humano teve uma origem, alguém o criou, e como ser criado ele participa da sabedoria do seu Criador. Por participar da sa-

bedoria, o homem é um ser pensante que tem qualidades e defeitos que lhe permitem cometer atos bons ou atos maus. A natureza humana é o núcleo universal e permanente, por isso há entre os homens um valor supremo que é a sua própria natureza.

A *Veritatis Splendor* mostra que a grande originalidade da moral cristã é a responsabilidade diante do evento salvífico que é Jesus Cristo e a construção do Reino. Essa é a razão de estar sempre presente entre os cristãos o convite à conversão como possibilidade de chegar ao Reino. A encíclica mostra que a moral cristã está intimamente ligada à vida sacramental, especialmente à eucaristia e à penitência.

Pelo seguimento de Jesus Cristo e pelas Bem-aventuranças, o agir moral se abre à perfeição e à Boa Nova. Toda Boa Nova, todo o Bem e o seguimento de Jesus Cristo só são possíveis pela ação e graça do Espírito Santo. Ele é o guia interior de todo o cristão que tem, nos mandamentos, seu guia exterior e, na Trindade, sua razão de existir.

### *Referências Bibliográficas*

- BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Edições Paulinas, 1973.  
COMPÊNDIO DO VATICANO II, Petrópolis: Vozes, 1991  
COMBLIN, J. *Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada de*

*libertação*. São Paulo: Paulus, 1996.

PAPA JOÃO PAULO II. *Ele os criou homem e mulher: reflexões sobre a sexualidade humana*, 2ª ed. São Paulo: Cidade Nova, 1987.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Veritatis Splendor*, 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MONASTERIO. AGUIRRE, Rafael & CARMONA, Antonio Rodriguez, *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave-Maria, 1994 [vol. 6].

PIKAZA, Javier. *A Teologia de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1978. (Coleção Teologia dos evangelhos de Jesus).

SARAIVA, Altimira de Sampaio Pinto, *Conjugalidade*, São Paulo: 1997. (mimeografado).

Altimira de Sampaio Pinto Saraiva é membro das *Equipes de Nossa Senhora* e pós-graduanda em Teologia Moral na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.